

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

**K-POP, INDÚSTRIA E FÃS: As culturas virtuais e suas influências nas
plataformas de fanfics**

MARINA LOPES BARROSO

RIO DE JANEIRO
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

**K-POP, INDÚSTRIA E FÃS: As culturas virtuais e suas influências nas
plataformas de fanfics**

MARINA LOPES BARROSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, realizado sob orientação da Professora Doutora Ana Carolina Sampaio Coelho.

RIO DE JANEIRO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA

**K-POP, INDÚSTRIA E FÃS: As culturas virtuais e suas influências nas
plataformas de fanfics**

Por

Marina Lopes Barroso

Trabalho de Conclusão de curso

BANCA EXAMINADORA

Ana Carolina Coelho (Orientadora)

Diego da Silva Vargas (Banca examinadora)

RIO DE JANEIRO

2019

In Memoriam a 김종현, que sua arte siga
impactando e emocionando a todos que
souberem apreciá-la com sinceridade.

You worked hard, you did well, you are my price.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Antonio e Grace e minha irmã Manuella por terem me incentivado e ajudado para que eu conseguisse cursar essa faculdade.

Agradeço à minha orientadora, Ana Carolina Coelho, por ter me ajudado, sempre me incentivando e me mostrando que apesar das minhas dificuldades, eu conseguiria terminar o tcc.

Agradeço ao corpo docente da Letras Unirio, que me mostrou no decorrer desses 4 anos que a faculdade pode ser um ambiente de trocas saudáveis. Agradeço também ao William e ao Bruno por comporem a melhor secretaria da Unirio, por me darem suporte emocional sempre que precisei e por me aguentarem nos últimos 2 anos.

Agradeço aos amigos que fiz no decorrer desse ciclo: Alex, Beatriz, Bruna, Bruno, Camilla, João, Juliana, Mavi e Talita.

Agradeço às minhas amigas do sarra kikum por terem sido meu suporte emocional nessa jornada caótica desde o ano de 2017.

Por fim, agradeço a todos aqueles que passaram pela minha vida durante esses 4 anos de graduação e deixaram suas impressões em mim.

A todos vocês: Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho consiste numa investigação acerca das motivações e possíveis efeitos que a leitura de *fanfics* de temáticas *angst* têm sobre seus leitores. A pesquisa baseia-se na estética da recepção, no conceito da cultura de fã, cibercultura e busca investigar como se estabelecem as relações entre escritores de *fanfic* e seus leitores, dando ênfase principalmente à recepção das *fanfics* de dois grupos *BTS* e *Seventeen*, publicadas no portal *Spirit Fanfics e História* no ano de 2017.

Palavras-chave: Fanfics; Angst; Cultura de fã; Estética da recepção

ABSTRACT

The present work consists in an investigation about the motivations and possible effects that reading angst fanfics can have in the reader. The research is based on the reception theory, the concept of fan culture, cyberculture and tries to investigate how relations are established between fic writers and their readers, emphasizing mainly on the reception of two fanfics from two different k-pop groups BTS and Seventeen, published on the site *Spirit Fanfics e Histórias* in the year 2017.

Key-words: Fanfics; Angst; Fan culture; Reception theory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. K-POP, INDÚSTRIA E FÃS: As culturas virtuais e suas influências nas plataformas de fanfics	10
1.1 A indústria cultural	10
1.2 A cultura de fã	13
1.3 Cibercultura	17
1.4 Cultura da Convergência	20
2. FANFICS: Conceitos, gêneros e classificações	24
2.1 Fanfiction - Origens	24
2.2 Fanfic	25
2.2.1 Comentários	27
2.2.2 Hiperlink	28
2.2.3 Notas do autor	28
2.2.4 Leitor-beta	29
2.2.5 Aulas de português	29
2.3 Classificações, gêneros e subgêneros	30
3. ESTUDO DE CASO: Análise de comentários das fanfics “Amnésia” e “Rimani”	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende investigar, a partir de comentários feitos em duas *fanfics angst* de dois grupos de *kpop* (*BTS* e *Seventeen*) durante o ano de 2017 até o início de 2018 na plataforma *Spirit Fanfics e Histórias*, os motivos e questões que levam as pessoas a lerem histórias de temáticas que giram em torno de problemas psicológicos, traumas, abusos e suicídio. Para tanto, essa pesquisa estabelece uma contextualização com o conceito de Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer (1947) para explicar a indústria do *kpop*, passando para a Cultura de Fã, o conceito da Cibercultura de Manuel Castells (2003) e a Cultura da Convergência de Henry Jenkins (2009) para contextualizar as produções e costumes das comunidades de fãs de *kpop*, e por fim investiga os temas centrais deste trabalho: as *fanfics* e a temática *angst*.

O ano de 2017 foi o escolhido baseado numa notícia que afetou bastante a comunidade de *k-pop*: o suicídio de um integrante de um dos maiores grupos do gênero. Levando em consideração a grande popularidade das *fanfics* que tratam desse tema, o esperado era que as reações fossem minimamente respeitadas, mas não foi o que aconteceu. Houve muita romantização sobre a vida do artista, sobre a obra que este deixou para seus fãs, até comentários extremamente insensíveis e maldosos. Surgiu então essa questão: como essas *fanfics* têm afetado a visão de vida real dessas pessoas, muitas vezes muito novas, que leem e escrevem sobre essa temática?

Baseado na estética da recepção da catarse de Aristóteles e no conceito de leitura como refúgio psicológico de Michele Petit, além das relações com as teorias de culturas de comunidades cibernéticas, a pesquisa busca investigar qual o apelo que esse gênero de *fanfic* tem que angaria tantos adoradores dessas temáticas mais sombrias e mórbidas.

O trabalho foi estruturado de forma que o primeiro capítulo seja uma contextualização de teorias e conceitos que perpassam a cultura dos fãs de *k-pop*, trazendo como exemplo situações reais de diferentes *fandoms* da comunidade. O capítulo seguinte aprofunda-se sobre a história das *fanfics*, a origem, evolução e categorizações próprias desse gênero textual. Por fim, o terceiro capítulo analisa comentários feitos nas duas *fanfics* supracitadas, relacionando os conceitos vistos nos capítulos anteriores aos conceitos da estética da recepção de Aristóteles e Michele Petit.

K-POP, INDÚSTRIA E FÃS: As culturas virtuais e suas influências nas plataformas de fanfics

1.1 A Indústria Cultural

Constantemente referida como “cultura de massa”, a Indústria Cultural, termo criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1947), refere-se à cultura pensada e criada para a população dominada pela população dominante. Não se trata da cultura feita pela massa, mas sim para a massa. Trata-se de uma estratégia de dominação através dos meios de comunicação que serve para entreter e satisfazer as pessoas com questões banais, mantendo a “alta cultura” restrita à parte da sociedade detentora do poder aquisitivo. A contextualização do momento em que esse texto é escrito está tanto na democracia de massas da América do Norte, como na Alemanha nazista, igualando o totalitarismo político à massificação cultural, segundo Martin-Barbero em seu livro “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia” (1987).

Adorno e Horkheimer se limitam a falar apenas de cinema, porém seu conceito pode ser visto em toda forma de cultura produzida atualmente, a começar pela cultura pop estadunidense que até hoje possui grande poder de influência em todo o mundo. A exportação de seus produtos, programas, músicas, séries, livros, etc, é tão onipresente que, muitas vezes, não se percebe que se está consumindo algo vindo do exterior, inclusive a língua, que é utilizada de argumento para não se ouvir músicas “que não dá para entender o que estão falando”. Muitas vezes as pessoas que reproduzem esse discurso não falam inglês, mas já está tão enraizado em suas mentes que esta é a “língua universal”, por conta do consumo constante de suas produções, que elas nem percebem a limitação que isso impõe em suas vidas. Partindo desse ponto, pensar a indústria do *k-pop* nada mais é do que observar de

que modo a influência da cultura norte-americana das produções mecanizadas está inserida num contexto outro, o da indústria coreana.

O kpop, abreviação de *korean pop* ou pop coreano, é um dos gêneros musicais que mais vem crescendo nos últimos anos. De acordo com a matéria “Interesse em *K-pop* cresce quase 485% nos últimos 2 anos no Brasil”¹ do site Metrôpoles, dados apontam que dois grupos do gênero, *BlackPink* e *BTS*, somaram juntos 3.360 milhões de *streams* na plataforma *Spotify* em 2017, 7.601 milhões no ano seguinte e até outubro de 2019, já haviam acumulado 19.653 milhões de *stream*.

Tendo sua origem na década de 1990, o kpop consiste em empresas de entretenimento que recrutam jovens através de audições de canto, dança, rap, atuação, etc. Esses jovens ficam anos aperfeiçoando suas habilidades nessas categorias para então debutar, estrear, e se tornar um *k-idol*, ou ídolo coreano. A *Hallyu*, a “Onda Coreana” como é chamado esse fenômeno de propagação cultural pelos coreanos, para além da exportação dessa cultura pop, visa também a exportação da cultura tradicional, incentivando o turismo e a procura pela gastronomia do país pelos fãs que acompanham seus grupos musicais, filmes, programas e séries de televisão, chamadas de “*dramas*”. Os ídolos coreanos cantam, dançam, atuam, participam de programas, fazem promoção semanal de suas músicas, resumindo, fazem parte de todo e qualquer tipo de entretenimento que as mídias têm para oferecer. A base do kpop está exatamente na mecanização das produções que Adorno e Horkheimer criticam em seu texto.

A seu serviço estão o ritmo e a dinâmica. Nada deve ficar como era, tudo deve estar em constante movimento. Pois só a vitória universal do ritmo da produção e reprodução mecânica é a garantia de que nada mudará, de que nada surgirá que não se adapte. (1947, p. 110)

1

<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/interesse-em-k-pop-cresce-quase-485-nos-ultimos-2-anos-no-brasil>

Um exemplo dessa mecanização da produção no *kpop* pode ser observado na forma com que os artistas divulgam as suas músicas. No ocidente, estamos acostumados à artistas que lançam um álbum e ficam anos sem lançar novas músicas. No *kpop* isso não é possível. O objetivo dos grupos é manter o interesse dos fãs em suas produções pelo máximo de tempo possível, sendo assim, os artistas tendem a lançar mais de um álbum por ano, alguns inclusive com a quantidade de lançamentos já padronizada, como é o caso do grupo feminino *Red Velvet*, um dos maiores grupos atualmente no gênero, composto por 5 integrantes que debutou em 2014, e que todo ano lança três álbuns diferentes.

As emissoras de televisão transmitem semanalmente programas dedicados à apresentações de grupos com o *single*, ou seja, a música principal do álbum, mais recente. Essas apresentações são chamadas de “promoções”. O grupo passa a semana inteira performando a mesma música em programas de diferentes emissoras por um determinado tempo que pode ser algumas semanas ou até mesmo um mês ou mais.

O foco de Adorno e Horkheimer está na forma de produção da indústria cultural, e não nos seus produtos finais, eles assumem que todos falam da mesma coisa e acabam não fazendo uma pesquisa empírica, ficando apenas nas suas especulações do que é produzido, como afirma Barbeiro em seu texto:

Mas essa afirmação da “unidade” se torna teoricamente abusiva e politicamente perigosa quando dela se conclui a totalização da qual se infere que do filme mais vulgar aos de Chaplin ou Welles “todos os filmes dizem o mesmo”, pois aquilo de que falam “não é mais que o triunfo do capitalismo invertido”. (1987, p. 65/66)

Desse modo, podemos ver que o *kpop* se encaixa bem no conceito da indústria cultural, onde há toda uma mecanização da produção de produtos culturais para a maior propagação de uma ideia maior, a da cultura coreana. Um exemplo disso é a influência estética do *kpop* nos seus fãs. Do estilo de maquiagem, ao corte

de cabelo e vestimentas, a cultura do país se mistura ao produto da indústria e o seu consumidor se adapta à ela de forma identitária, torna-se um traço da personalidade daquele fã.

1.2 A cultura de fã

Adorno (1971) acreditava que o advento da Indústria Cultural criava espectadores sem senso crítico de seu consumo, tal como ele aponta quando afirma: “vai-se procurar o cliente para lhe vender um consentimento total e não crítico(...)” (p. 289). O que o estudioso alemão não poderia imaginar, porém, era que desses espectadores aparentemente sem criticidade, surgisse um desdobramento da cultura de consumo, a cultura do fã. Mas o que seria essa nova forma de consumo? Primeiramente devemos conceituar essa definição, muito específica, de consumidor.

A palavra “fã” é um estrangeirismo aportuguesado da palavra “*fan*” que, por sua vez, tem sua origem incerta, entendida de duas formas: abreviação da palavra “*fanatic*”, fanático em inglês, ou da palavra “*fancy*” vinda da expressão “*the fancy*”, termo coletivo para seguidores de um certo *hobby* ou esporte. O que as duas expressões têm em comum é o entendimento de que fãs são adoradores apaixonados de algo ou alguém. Essas pessoas normalmente se unem no chamados “*fandoms*”, diminutivo da expressão *fan kingdom* ou “reino do fã”, e compartilham entre si, notícias, atualizações mais recentes possíveis. Os *fandoms* são semelhantes aos *fanclubs* dos anos 1990, com a sua maior diferença sendo o uso das redes sociais *online*. Um *fandom* se sustenta na cooperação mútua de seus participantes.

Mas não é qualquer “adorador” que pode ser denominado um “fã”, o que distingue realmente um consumidor fã de um consumidor ocasional é o fato de que um fã consome todo e qualquer produto produzido sobre aquilo que dedica a sua total admiração, procurando sempre as atualizações e produções mais recentes,

enquanto um consumidor ocasional se contenta com o que lhe é apresentado, sem a necessidade da dedicação extra. Essa admiração vinda dos consumidores era o esperado pela indústria, o que não se esperava, porém, era a nova forma de consumir que esses admiradores iriam produzir: o consumo para além dos produtos oficiais.

Uma particularidade dos *fandoms* de *kpop* são os ditos *fansites*, que são fãs que vão à apresentações, shows, etc e gravam vídeos das performances, conhecidos como *fancam*, e também tiram fotos. Essas fotos, geralmente divulgadas pelo *twitter*, são compiladas no final do ano e lançadas em *season's greeting*, que é uma caixa com calendário, *photobook* (livro de fotos) e outros produtos produzidos pelo *fansite* que podem ser *dvd's*, camisas, cadernos, etc.

A indústria, com sua mecanização da produção, consegue produzir periodicamente novos conteúdos para alimentar o desejo do seu consumidor e gerar mais engajamento, porém, muitas vezes acaba chegando a um ponto onde o consumo é tão imediato, que há a necessidade de se esperar por novos conteúdos, ou então não há mais o que fazer com a produção original e é necessário que se dê um fim. É nesse cenário que a cultura de fã cresce.

Geralmente, a pessoa que se dedica inteiramente à algum produto da indústria cultural, seja ela literatura, cinema, música, etc, consome toda e qualquer coisa que se relacione ao seu objeto de desejo, seja um caderno feito com a foto de seu cantor preferido, seja um lanche em alguma rede de *fast-food* que dê um brinquedo de seu filme preferido, o que importa para essa pessoa, é estar consumindo artigos do produto da indústria cultural ao qual é fã.

Essa necessidade do consumo acontece pois a indústria cria uma dependência de conteúdo nos fãs, fazendo com que eles acreditem que quanto mais artigos daquele produto ao que se dedicam ele tiver, mais legítimo enquanto fã ele será. Podemos relacionar esse pensamento à ideia da sociedade de consumo, do livro homônimo do sociólogo francês Jean Baudrillard (1970).

À nossa volta, existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos

objetos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia da espécie humana. Para falar com propriedade, os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objetos (p. 15).

Na cultura de fã quando essa pessoa encontra um limite na produção de novos conteúdos, diferentemente do que esperava a indústria, passa a produzir ela mesma. Camisetas, bolsas, acessórios, cadernos, passando para produções mais artísticas como as *fanarts*, desenhos feitos por fãs, os *fanvideos*, vídeos feitos por fãs, ou as extintas *fanzines*, revistas feitas por fãs que deram lugar, a partir da criação da internet, às *fanfics*, ou ficções de fãs. Quem melhor para produzir conteúdos novos sobre um produto da indústria cultural se não seus próprios fãs? Muitas vezes, produtos oficiais são boicotados pelos consumidores fãs por não serem fiéis ao produto matriz, ou por estar sendo produzido por uma pessoa que tenha feito coisas em sua vida pessoal que o *fandom* condena. Há muitas implicações no porque um produto oficial pode não ser do agrado dos seus seguidores, implicações essas, que muitas vezes não se aplicam às produções de fãs pois são feitas por pessoas que compartilham uma mesma paixão e muitas vezes, ideologia.

Essa concepção pode ser vista pela noção do paradigma do expert, de Peter Walsh e da inteligência coletiva, de Pierre Lévy, que Henry Jenkins associa em seu livro “Cultura da Convergência” (2009), conceito que será trabalhado melhor no terceiro tópico deste capítulo. O autor apresenta os dois conceitos como contrários entre si.

Segundo Jenkins, o paradigma do expert cria um “interior” e um “exterior”, ou seja, pessoas que sabem e pessoas que não sabem das coisas; na inteligência coletiva isso não existe, todo conhecimento compartilhado é aceito e discutido. No paradigma do expert há regras de como acessar e processar informações; enquanto na inteligência coletiva esse compartilhamento é desorganizado, ou seja, não há um procedimento específico para que este seja feito, cada um cria suas próprias regras.

Além disso, os experts são pessoas credenciadas academicamente ou possuindo ligação direta ou indireta com o produto do qual estão compartilhando as informações; na inteligência coletiva, não é a posse do conhecimento que importa, mas sim a forma que este é adquirido, ou seja, num processo social de troca de informações com outras pessoas que se interessam pelo mesmo produto.

O estudioso aponta as diferenças dos dois conceitos e os associa ao fenômeno *Survive*, um programa de reality show dos anos 2000 que movimentou a sociedade estadunidense com seus palpites de quem sairia a cada semana e de quem seria o vencedor de cada temporada, dado que o programa era gravado previamente a sua exibição. Aqui, porém, utilizaremos o exemplo do *fandom* do grupo de *k-pop* EXO, que debutou em 2012 pela empresa *SM Entertainment*, a maior empresa do *kpop*. O grupo é até hoje um dos maiores nomes do gênero, tendo uma das *fanbases* mais ativas nas redes.

Diferente do que estamos acostumados com o ocidente, os grupos de *kpop*, por terem um apelo visual gigantesco, costumam lançar suas músicas com algum tipo de conceito. E o que seria isso? Ao promover um álbum novo, toda a estética desse álbum, as roupas, vídeo, fotos são baseadas em alguma conceituação, que pode ser de marinheiro, bruxa, ninja, clássicos do cinema, etc, não há limites para o uso de um conceito. A princípio, isso não seria diferente com o EXO. Cada música lançada pelo grupo se enquadraria em um conceito fechado naquele álbum. Porém há uma particularidade nesse grupo, que é um conceito para além dos álbuns.

O conceito geral do EXO é o de que os seus integrantes são pessoas de outro planeta (o *Exoplanet*) e têm habilidades especiais que são explicadas no início de seu primeiro *MV (music video)* oficial, *MAMA*, lançado em abril de 2012. Essa primeira música não fez o sucesso esperado e as músicas e vídeos que se seguiram pareciam se afastar mais e mais desse conceito inicial, apesar de durante esses sete anos o *fandom* ter criado diversas teorias em cima da história original da narrativa do grupo.

Essas teorias feitas por fãs se encaixam no conceito da inteligência coletiva, pois são trocas de impressões e informações dentro do *fandom* com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos sobre o grupo e habilidades de investigação, escrita,

etc. Jenkins diz que as questões desenvolvidas numa inteligência coletiva são interdisciplinares e ilimitadas, “deslizam e escorregam através de fronteiras e induzem o conhecimento combinado de uma comunidade mais diversa.” (2009, pg. 87). Ou seja, as teorias permitem que seus criadores exercitem algumas competências que não teriam outro lugar para exercitá-las, como por exemplo, a observação minuciosa dos vídeos para que passagens destes sejam utilizados nas suas teorias, dando credibilidade à escrita e aproximando os leitores da história que estão criando.

Ainda segundo Jenkins, “o paradigma do expert exige um corpo de conhecimento limitado que um indivíduo possa dominar”. (2009, p. 87) Esse conceito pode ser observado no fato de que desde o ano de 2013 até hoje, o *fandom*, em vésperas de lançamento de um novo conteúdo do grupo, conhecido no meio por “*comeback*”, se depara com vazamentos do material original na internet. A política desses fãs quanto a esses vazamentos é o de ignorá-los sempre. Não há graça alguma em estragar a emoção de teorizar em cima do que pode vir a ser o conceito do novo álbum do grupo vendo antes da hora o que foi produzido por este.

Essa dinâmica comunitária do *exo-l*, denominação do *fandom* do grupo *EXO*, acontece através da internet, tendo seu maior meio de compartilhamento o *site Twitter*. O *fandom* internacional do grupo, ou seja, os fãs não coreanos, se mistura nessa rede social compartilhando em diversas línguas, seus conhecimentos e teorias em torno do conceito do grupo do qual são fãs. A internet possibilita essa integração global e multilíngue da comunidade.

1.3 Cibercultura

Os primeiros computadores que se assemelham aos atuais surgiram na Segunda Guerra Mundial, quando a marinha dos Estados Unidos, em conjunto com a Universidade de Harvard desenvolveu o computador Harvard Mark 1, baseado no

calculador analítico de Charles Babbage, do século anterior. Esses computadores pesavam toneladas e ocupavam um andar inteiro. Com o tempo e com o avanço das tecnologias digitais, eles foram diminuindo para que fosse mais conveniente e fácil de manusear, e só na década de 1960 ganharam o que hoje seria o maior atributo do computador para a parte dos usuários leigos em programação: a Internet.

De acordo com Manuel Castells (2003), a origem da Internet remonta a Arpanet, uma rede de computadores produzida pela Advanced Research Project Agency (ARPA), parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. O motivo de sua criação foi a corrida tecnológica entre EUA e União Soviética ao final da Segunda Guerra. Inicialmente a Arpanet era apenas um programa de um departamento ARPA, o Information Processing Techniques Office (IPTO), que tinha o objetivo de estimular a pesquisa da computação interativa.

Nessa época, o computador e a Internet ainda eram usados apenas pelo exército, com objetivos militares de programação. Foi apenas nos anos 1990 que os computadores com rede chegaram às casas das pessoas. Daí pra frente, sabemos o que aconteceu com a evolução digital que nos traz ao nosso momento atual.

Após essa rápida contextualização, trataremos agora qual a importância que a internet teve na evolução da cultura de fã baseada em uma das quatro culturas virtuais que Castells enumera em seu livro “A Galáxia da Internet” (2003), que são elas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial; segundo o autor, essas camadas são hierárquicas:

(...) a cultura tecnomeritocrática especifica-se como uma cultura hacker ao incorporar normas e costumes a redes de cooperação voltadas para projetos tecnológicos. A cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica. A cultura empresarial trabalha, ao lado da cultura hacker e da cultura comunitária, para difundir práticas da Internet em todos os domínios da sociedade como meio de ganhar dinheiro. Sem a cultura tecnomeritocrática, os hackers não passariam de uma

comunidade contracultural específica de geeks e nerds. Sem a cultura hacker, as redes comunitárias na Internet não se distinguiriam de muitas outras comunidades alternativas. Assim como, sem a cultura hacker e os valores comunitários, a cultura empresarial não pode ser caracterizada como específica à Internet. (2003, p.42)

Para esse trabalho, nos interessa analisar a cultura comunitária virtual e como ela deu vazão ao crescimento exponencial da cultura de fã que hoje em dia ocupa grande parte da rede com sites específicos para a integração de fãs ao seus *fandoms*, seja oficial ou *fan-made*, como o aplicativo para *smartphone* Amino², ou sites de postagens de fanfic, como o *Spirit Fanfics e Histórias*³, inclusive tomando conta de um que não havia sido projetado com esse objetivo, o Twitter.

Nos anos iniciais ao uso aberto das redes, a internet era ocupada por pessoas com conhecimentos profundos em programação e foram essas pessoas que criaram as primeiras comunidades virtuais, fossem chats, listas de correspondências, jogos para múltiplos jogadores, etc. Essas comunidades eram habitadas pelos dois grupos ligados ao estudo das redes: os “tecnomeritocratas”, ou seja, os acadêmicos que estudavam como aprimorar mais e mais as redes; e os *hackers*, pessoas que continham um grande conhecimento de programação, mas acreditavam que esse conhecimento não deveria ser restrito à pesquisas e nem apenas a pessoas que entendessem de programação.

A partir da década de 1980 essa bolha on-line começa a se romper, mas é apenas na década seguinte que há a explosão da *web*, com a passagem para a *web* 2.0 e a liberação do pólo de emissão de mensagens. Nesse novo contexto, todas as pessoas são autorizadas a adicionarem conteúdos na rede. Desse modo, os usuários passam a ser os mais diversos, surgindo assim uma cultura não tão unificada quanto as anteriores, que compartilhava apenas duas características básicas, segundo Castells (2003): o valor da comunicação livre, horizontal, que acredita que as redes devem ser sem censuras ou intervenções governamentais ou

² <https://aminoapps.com/>

³ <https://www.spiritfanfiction.com/home/>

mediáticas; e a formação autônoma de redes, ou seja, a pessoa que se encontra na web deve encontrar por si própria a comunidade em que se encaixa e, se não encontrá-la, tem o poder de criar a sua própria.

Como podemos ver, essas características da cultura das comunidades virtuais dão o aval perfeito para que a cultura de fã, que é extremamente criativa e livre e que nega qualquer amarra imposta por alguma autoridade, nesse caso a indústria cultural, se estabeleça e cresça. Para além dos grupos que se encontravam uma vez ao mês para partilhar suas experiências e criações com outras pessoas com o mesmo interesse cultural, as comunidades virtuais abrem as portas para o compartilhamento global desses interesses e criações a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana.

1.4 Cultura da convergência

“Cultura da Convergência” (2009), livro que traz o conceito criado por Henry Jenkins, contém alguns relatos de situações ocasionais da reapropriação das produções por cidadãos normais que acabam causando algum tipo de movimentação sócio-cultural e até mesmo política. A escolha da palavra “convergência” é explicada da seguinte forma:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (2009, p. 30)

O autor pontua que a palavra “convergência” já havia sido usada por empresas para dizer que os antigos meios de comunicação seriam completamente absorvidos pela órbita das tecnologias emergentes. Essa noção que presumia a substituição das antigas mídias pelas novas se dá no paradigma da revolução digital, que alegava que os novos meios de comunicação digital mudariam tudo: das interações sociais à novas formas de consumo e economia. Essa visão se finda nos anos 2000, com o “estouro da bolha pontocom”, que se refere a um momento da história da tecnologia digital onde houve um declínio na especulação de empresas de tecnologia da informação e comunicação, referidas como “pontocom” (*dotcom* em inglês). A partir desse momento, acreditou-se que a tecnologia digital não havia revolucionado nada. Jenkins afirma que, apesar dessa visão popular da época, o que realmente aconteceu foi um meio-termo:

Cada vez mais, líderes da indústria midiática estão retornando à convergência como uma forma de encontrar sentido, num momento de confusas transformações. A convergência é, nesse sentido, um conceito antigo assumindo novos significados. (2009, p. 33).

Para o estudioso, a cultura da convergência se sustenta em três pilares: convergência dos meios de comunicação; cultura participativa; inteligência coletiva, que serão aprofundadas a seguir.

- **Convergência dos meios de comunicação**

Há nesse conceito uma relação de poder quase invisível entre produtor de conteúdo e consumidor, que é moldada a cada interação. Atualmente, ao consumir algum produto da indústria cultural, o usuário não se detém a apenas um meio de comunicação. Ele pode estar assistindo a uma série no computador enquanto, em seu celular, comenta os acontecimentos em alguma rede social. Daí se cria a relação de convergência dos meios, ninguém assiste, ouve, lê, etc nada sem que faça comentários, críticas ou elogios a esse produto simultaneamente ao seu uso.

No caso das *fanfics*, por exemplo, esses comentários são feitos, muitas vezes, no próprio local da postagem, numa parte específica para isso que os sites especializados nesse tipo de publicação disponibilizam. Porém, há também as pessoas que fazem seus comentários sobre essas *fanfics* em outros *sites* como o *twitter*, por exemplo. Nesse caso, o autor coloca na busca do *site* o nome de sua história e consegue encontrar ali outras pessoas comentando sobre.

- **Cultura participativa**

Esse conceito é o que mais aparece o poder do consumidor em relação aos produtos da indústria. Aqui, não só são criadas estratégias que chamam esse consumidor à participação, como por exemplo *reality shows*, onde o espectador tem, a princípio, total poder de decisão sobre o desenvolvimento do programa, mas também há as participações voluntárias, que pode ser exemplificada pelas criações de *fanarts* por fãs de artistas, seriados, revistas em quadrinho, etc. Essa participação normalmente é mais reconhecida dentro dos próprios *fandoms*, mas alguns produtores de conteúdos reconhecem essas produções, como George Lucas e J.K. Rowling, que liberam produções de fãs feitas a partir de suas criações matrizes, apenas com pequenas ressalvas de conteúdo, como por exemplo a proibição de escritas explícitas com personagens criados por J.K..

No *kpop*, essa cultura participativa aparece, por exemplo, nos *remixes* de músicas postados no *Youtube*, onde os fãs juntam músicas de mais de um grupo e fazem uma nova versão. Não há qualquer restrição das empresas detentoras dos direitos autorais em relação à produções de fãs. É interessante ver também que não há qualquer limitação de uso de imagem dos *idols* para a criação de *fanarts*, *fanvideos*, *fanfics* e etc.

- **Inteligência coletiva**

O termo, cunhado por Pierre Lévy, é implementado por Henry Jenkins na cultura da convergência na noção de que ninguém é detentor de todo conhecimento.

Ao juntar-se à pessoas que compartilham a mesma paixão, a capacidade intelectual aumenta. Um grupo pensa melhor que um indivíduo. Esse é o conceito do *fandom*, uma comunidade que pode ser fechada ou não, onde as pessoas se unem para compartilhar os seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, receber informações de terceiros sobre seu objeto de desejo.

É interessante perceber que Henry não pensa essa cultura a partir do viés tecnológico, mas sim antropológico, quando diz que a convergência não ocorre por meio de aparelhos, mas dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Nessa lógica, podemos ver que a cultura de fã faz parte da cultura da convergência. As reapropriações dos fandoms acontecem não por conta da tecnologia digital, como o caso das fanzines já nos mostrava, mas sim por causa da interação social. A busca por produções independentes não vem da facilidade de propagação, mas da vontade de se relacionar com outras pessoas que dividem a mesma paixão.

FANFICS: Conceitos, gêneros e classificações

2.1 Fanfiction - Origens

A *fanfiction*, em tradução livre “ficção de fã”, é um gênero textual originado nas extintas *fanzines* e que passou a ser mais difundido com a popularização da internet. O gênero consiste na escrita de histórias baseadas em personagens de livros, filmes, séries, animes ou artistas como bandas, grupos de kpop, etc. Para entender a dinâmica das *fanfics* atualmente devemos primeiro voltar às origens das comunidades de fãs, que remontam a década de 1920, com o surgimento da literatura de ficção científica, em que admiradores de Sherlock Holmes e das obras de Jane Austen, por exemplo, começaram a gerar produtos artísticos.

A difusão das comunidades de fãs só aconteceu, porém, na década de 1960, com a série de ficção científica Star Trek. A popularização das publicações de *fanzines* encontrou suas primeiras divergências nas produções de fãs pelo fato de a maior parte de suas produções serem feitas por mulheres, que não necessariamente se detinham apenas ao gênero central da série, ficção científica, mas tentavam explorar as outras possibilidades que esse tipo de produção poderia gerar.

Na década de 1970, o lançamento de filmes que ganharam grande popularidade como Star Wars e Indiana Jones e de outras séries televisivas como Doctor Who, ampliou a diversificação dos fandoms, o que culminou, na década de 1990, na ampliação dessas comunidades por conta da nova forma de interação social: a Internet.

Com a possibilidade da interação instantânea, pessoas que tinham o mesmo interesse em algum produto da cultura pop conseguiam se encontrar em comunidades dedicadas a esse produto em específico para debater sobre as produções matrizes e também compartilhar suas próprias produções advindas destas. O diferencial do encontro dos fãs nas comunidades online para os

encontros anteriores a internet era o de se conectar com pessoas que não havia possibilidade de encontrar pessoalmente pois moravam em outras cidades, ou até mesmo em outros países.

Nos anos 2000, com a popularização de uma nova produção literária e cinematográfica, Harry Potter, da autora inglesa J.K. Rowling, as comunidades dedicadas inteiramente à publicações de fanfics começaram a se popularizar no Brasil. Nos anos 1990 já havia surgido 2 sites com esse foco, o Exodus Fan Fiction (1997), baseado na animação japonesa Sailor Moon e o Shipper X (1999), centrado nos personagens da série Arquivo X (LUIZ, 2008, p.4).

Essas produções geralmente surgiam a partir de passagens das histórias originais, quando a pessoa não se sentia satisfeita com o desenrolar original do enredo, ou achava que alguma situação poderia ter tido um foco que acabou não tendo, ou imaginando o que poderia ter acontecido após alguma situação da história original, ou no caso das histórias feitas por fãs de algum artista, as histórias se desenrolavam a partir de alguma interação dos integrantes, ou de seus vídeos, entrevistas, letras, qualquer situação que inspirasse a invenção de uma história extra, para além do que era mostrado.

2.2 Fanfic

Como já falado no capítulo anterior, as produções feitas por fãs em torno do produto da indústria cultural ao qual se dedicam não são feitas na busca de um retorno financeiro, mas sim social. O propósito do compartilhamento de produções culturais é a apreciação e integração com outras pessoas que compartilham do mesmo gosto. Esse tipo de engajamento nas redes é conhecido por “capital social”, conceito estudado por diversos autores, mas sem uma concordância entre os estudos além do entendimento de que capital social é o valor constituído a partir das interações entre atores sociais. (2009) Recuero recupera os conceitos de Gyarmati

& Kyte (2004) e Bertolini & Bravo (2001), para discutir o conceito de capital social. Para a autora, o capital social é a junção de conceitos de alguns desses estudiosos:

(...) consideraremos o capital social como um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001 APUD Recuero 2009, p. 50).

Segundo a autora, o estudo do capital social nas redes sociais deve ir para além de suas relações, deve-se estudar também o “conteúdo das mensagens trocadas através delas.” (2009, p. 50), para ela, o conceito de Coleman (1988), com algumas ressalvas desses outros autores, é o que melhor se encaixa nesta ideia, pois “ela trabalha o caráter estrutural do capital social, sua capacidade de transformação de acordo com a função e a sua base na reciprocidade (...)”. (2009, p. 50).

Para trabalhar esse conceito nas redes sociais, a autora traz uma classificação constituída por Bertolini e Bravo (2001), que compreenderiam os recursos que os indivíduos têm acesso nas redes. Esses recursos são:

a) *relacional* – que compreenderia a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos de uma determinada rede; b) *normativo* – que compreenderia as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; c) *cognitivo* – que compreenderia a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; d) *confiança no ambiente social* – que compreenderia a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e) *institucional* – que incluiria as instituições formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras”

da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto. (p. 50/51)

Sendo assim, com as *fanfics* não poderia ser diferente. Conhecida como um gênero digital apesar de remontar alguns anos anteriores à Internet, a *fanfic* atualmente têm algumas particularidades que só a *web* tem estrutura para sustentar. Ou melhor, a evolução feita em conjunto com a *web*, proporcionou algumas particularidades que, se fossem feitas em qualquer outro meio de publicação, não teriam acontecido. A seguir apresento uma série de especificidades das estruturas das *fanfics*:

2.2.1 Comentários

A primeira e mais conhecida particularidade são os comentários feitos a cada capítulo publicado pelo *ficwriter*, denominação de pessoas que escrevem *fanfics*, que são extremamente importantes para a continuidade da história. Um escritor que publica sua *fanfic* e acaba não recebendo nenhum comentário, geralmente desiste daquela publicação, pois o princípio da cultura de fã, cultura da qual a *fanfic* faz parte, é exatamente a de apreciação e integração social entre pessoas com o mesmo objeto de desejo, sendo assim, não há motivo para se continuar uma história que não receba nenhum *feedback*. Aqui podemos observar três das categorias que Recuero menciona: relacional, normativa e confiança no ambiente social.

Sabendo e entendendo esse conceito, ao ler as histórias e seguir para a seção de comentários, geralmente disposta logo após as notas do autor no final do capítulo, conseguimos ver alguns tipos de comentários que parecem se padronizar. Há os comentários que analisam parte por parte do capítulo, comentando as impressões, reações, sentimentos, etc que aquelas palavras causaram em si, além de, muitas vezes, falarem também sobre a forma de escrita do autor, elogiando ou fazendo críticas construtivas ou não. São os comentários mais bem vistos pelos *ficwriters* pois interagem profundamente com sua criação e correspondem ao propósito principal desse tipo de publicação: apreciação e integração social.

O outro tipo de comentário muito comum acaba sendo um não tão apreciado pelos escritores, mas não menos importante se levarmos em conta o propósito com o qual eles são feitos. Comentários simples e curtos, às vezes apenas uma palavra “Bom”, “Continua”, servem para incentivar o escritor a não abandonar a história. É quase como um *feedback* forçado, não necessariamente de forma consciente, pela cultura que já se estabeleceu de histórias sem interações não serem concluídas. Acontece que, do ponto de vista do *ficwriter*, esses comentários não puxam qualquer interação, apenas demonstram uma apreciação superficial pela história.

2.2.2 Hiperlink

Outra particularidade do gênero que se encaixa na categoria “relacional” são links que os autores às vezes colocam na seção de notas, a do início ou do final do capítulo, depende do propósito daquele link. Essa particularidade também se encaixa na categoria “cognitivo” da autora. Nesse espaço o autor compartilha com os leitores alguma coisa, para além daquele texto, que pode ajudar a visualizar melhor as roupas dos personagens com *links* de fotos de *looks*, uma locação, com *links* com fotos de casas, cômodos, pontos turísticos, ou *links* para uma *playlist* com músicas que o autor se inspirou para escrever ou que ele acha que a letra dialoga com aquele capítulo, por exemplo. Esse tipo de publicação não é obrigatório nem básico das *fanfics* como os comentários, mas é uma forma de interação com o leitor que apenas a escrita na *web* proporciona.

2.2.3 Notas do autor

As notas iniciais e finais das histórias, em que o autor conversa diretamente com o público geral da sua produção, já que os comentários nunca são feitos por 100% dos leitores, é onde o *ficwriter* fala sobre como foi o processo de escrita daquele capítulo, as dificuldades, inspirações, situações que aconteceram na sua vida que podem ter atrapalhado ou incentivado a publicação, ou seja, é onde o autor sai do lugar de figura inalcançável tão comum da literatura tradicional e se aproxima do seu público de forma mais pessoal. Esse recurso não é necessário para a

publicação de uma história, mas é bastante usado exatamente por ser esse lugar de conversa tão incomum. Novamente temos um exemplo das categorias “relacional” e “cognitivo”.

2.2.4 Leitor-beta

Não chega a ser uma particularidade das fanfics, levando em conta que esse tipo de leitor é como um revisor de texto, a diferença aqui é que, como tudo nessa cultura, esse leitor não tem alguma formação acadêmica, ele só é uma pessoa que, por ter um certo hábito de leitura e talvez se interessar pelo aprimoramento da escrita, se dispõe à revisão em fóruns montados para que o autor encontre alguém para compartilhar seu texto previamente e evitar publicações com erros gramaticais, problemas de continuidade de narrativa, incoerência na história, etc. É um ponto que se encaixa facilmente nas cinco categorias de capital social nas redes de Recuero. Temos a soma do individual (relacional, normativo e cognitivo) com o coletivo (confiança no ambiente social e institucional).

2.2.5 Aulas de português

Não trata-se exatamente de uma particularidade do gênero, mas sim dos *sites* específicos para a publicação de *fanfics*. São fóruns feitos com dicas de produção textual, aulas de gramática; além de outros abertos, onde a pessoa publica a sua dúvida e outras pessoas respondem-na. São espaços desses sites onde as pessoas aprimoram a própria escrita e conhecimentos da língua, se desprendendo gradativamente da oralidade na hora de escrever histórias de texto corrido. Podemos encaixar essa particularidade principalmente nas categorias “confiança do ambiente social” e “institucional”, mas também em “cognitivo”. Esses fóruns ajudam na evolução qualitativa das escritas, levando em conta que um dos preconceitos principais que as pessoas que se dedicam a esse gênero sofrem é o de acharem que todas as histórias são mal escritas e de narrativas rasas.

2.3 Classificações, gêneros e subgêneros

Existe um vasto território de gêneros e subgêneros que as *fanfics* exploram, de romance ao terror, de comédia à histórias que tratam de questões psicológicas.

As classificações e gêneros seguem uma lógica própria do meio e dependem também da plataforma de publicação. Neste trabalho observaremos as categorias do *site* brasileiro *Spirit Fanfics e Histórias*, uma das maiores plataformas de publicação de fanfics no Brasil, com 2.795.198 usuários cadastrados no último levante feito pelo *site* em 2018⁴. Começaremos pela faixa etária, a primeira categorização que as histórias recebem:

G (<i>General</i>)	Histórias para todas as idades
PG (<i>Parental Guidance</i>)	A história contém alguma cena leve de violência ou um tanto ousada.
PG-13	A história tem um pouco mais de insinuação a sexo, violência moderada e palavras chulas, mas nada explícito.
R (<i>Restricted</i>)	Histórias com sexo e/ou violência não totalmente explícitos.
NC-17	Proibido para menores de 17 anos. Sexo e/ou violência explícitos

No caso da plataforma escolhida para análise, as classificações são feitas por idade especificamente: livre, dez, doze, quatorze, dezesseis e dezoito; e seguem a mesma lógica da tabela anterior.

Após a classificação etária, a história deve ser categorizada em gênero da narrativa. Geralmente as histórias são classificadas em mais de um, mas sempre há um gênero principal que perpassa por toda a obra. Os outros gêneros apresentados são sub-gêneros dessa narrativa, eles aparecem em algumas passagens da história, mas não são o foco principal da mesma. Essas categorias são:

⁴ Estatística apresentada pelo site em <https://www.spiritfanfiction.com/sobre>

- **Angst** - De angústia, são histórias focadas nas emoções dos personagens, geralmente emoções ruins como raiva, angústia, tristeza.
- **AU** - Histórias ambientadas num universo alternativo. Na fanfic a personagem pode ser qualquer coisa que não o que ela já é originalmente. Por exemplo, ao invés de um *idol* de *kpop*, a personagem pode ser um jovem universitário, um vampiro, um matador de aluguel, etc.
- **Crossover** - Quando há mais de um universo ou personagens de sagas diferentes ou, no caso do *kpop*, quando há mais de um grupo na história.
- **Darkfic** - Parecida com a “angst”, são histórias com cenas depressivas, situações angustiantes e atmosfera mórbida.
- **Deathfic** - Como o nome já sugere, são histórias onde o personagem principal ou um personagem de grande importância na história morre.
- **Fluffy** - São histórias leves, com situações fofas e românticas onde geralmente não há conflitos e com finais felizes.
- **Hentai/Lemon/Orange** - São denominações dos *fandoms* de cultura japonesa baseadas nas classificações dos *animes* dessas mesmas categorias. São histórias com cenas de sexo explícita: hentai - heterossexual; lemon - entre dois homens; orange - entre duas mulheres.
- **Slash** - Histórias centradas no relacionamento dos personagens.
- **One-shot** - *Fanfics* em que a história toda se resolve em um só capítulo. Geralmente são *fics* longas, com mais de 10,000 palavras, mas podem ser mais curtas também, com menos de 5,000 palavras.

Após a categorização do gênero, há um espaço onde o autor classifica os avisos da história: se ela tem cenas de violência, mutilação, nudez, uso de álcool ou drogas ilícitas, linguagem imprópria; resumindo, qualquer coisa que a história apresente que possa causar desconforto ao leitor.

E por fim as *tags*, que são palavras-chave do conteúdo da história. Apesar de parecer muito próximo aos avisos, as *tags* não são feitas necessariamente para informar os gatilhos que a *fanfic* pode conter, elas servem para facilitar na procura pelo conteúdo que o leitor quer em uma história.

ESTUDO DE CASO: Análise de comentários das *fanfics* “*Amnésia*” e “*Rimani*”

Depois de contextualizar as origens das *fanfics* e esmiuçar as particularidades desse gênero que não surgiu, mas se desenvolveu nas mídias digitais e exemplificar as classificações e os gêneros narrativos, neste capítulo iremos aprofundar a análise no objeto principal desse trabalho: as *fanfics angsts*.

O gênero *angst* é um dos mais abrangentes das *fanfics*, pois como se trata de narrativas focadas nas emoções da personagem principal, às vezes a história pode ser apenas uma *slash*, ou seja, narrativas centradas no relacionamento dos personagens, em que o *angst* se manifesta em algum tipo de conflito mínimo no relacionamento das personagens e como isso as afeta, ao mesmo tempo que pode ser uma *darkfic* com cenas de automutilação, degradação de personagens ou uma *deathfic* com suicídio. É um gênero muito popular e que tem crescido cada vez mais nas plataformas de *fanfic*. Uma das questões que orientam esse trabalho é buscar entender a razão desse crescimento. Qual o apelo que essas *fanfics* carregam que faz com que tantos jovens se interessem por ler e escrever esse gênero narrativo?

Em seu livro “A arte de ler ou como resistir à adversidade” (2009), a antropóloga Michele Petit trata sobre como a leitura pode ajudar o ser humano na descoberta de si mesmo, além de ajudar a superar traumas, violências, problemas psíquicos. A autora traz, em sua introdução e no decorrer de todo seu livro, diversos relatos de outros autores e pessoas de como a literatura lhes ajudou a superar as adversidades da vida.

Segundo a autora, “a literatura é uma oferta de espaço.” (p.36). A apresentação de paisagens, personagens, histórias outras que não as que o leitor já conhece, o deslocam de seu lugar, ou de sua falta de lugar, e o apresentam um novo mundo. Desviar-se de sua realidade às vezes é a única forma de manter-se são, como o caso do 11 de setembro que a autora traz na introdução do livro, em

que as pessoas recorreram às livrarias nova-iorquinas para conseguirem manter-se no chão.

Esse desvio, porém, não é uma evasão da realidade, mas sim um recanto dela. Não é desligar-se totalmente da realidade, mas abrir uma nova porta para a imaginação e para o pensamento. A literatura pode ser um espaço de acolhimento psíquico individual onde a pessoa cria um refúgio dos infortúnios da vida. O leitor se prende às passagens, características ou personagens de obras e usam destes para imprimir-se no mundo. A leitura dá repertório para que se expresse melhor seus conflitos internos. De acordo com Petit (2009), externalizar suas angústias alivia o ser.

(...) o texto suscitará, em alguns leitores, não somente pensamentos, mas também emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. (p.40)

Nas *fanfics*, o gênero que mais parece proporcionar esse tipo de ligação do leitor é o *angst*. Possivelmente por ser o gênero onde as marcas psíquicas do autor estão mais aparentes, suas vulnerabilidades e experiências sensíveis estão espalhadas de forma mais evidente por toda sua história.

Na Poética de Aristóteles, o filósofo que define a poesia como *mimesis*, ou seja imitação, apresenta um conceito da poesia grega que é base até hoje para os estudos da teoria da estética da recepção, a *katharsis*, do português purificação. Segundo Regina Zilberman (2008) em seu artigo “Recepção e leitura no horizonte da literatura”, Aristóteles apresenta em seu texto o entendimento de que “a representação das ações humanas provoca um efeito sobre o público.” (p.1) Esse efeito seria justamente a catarse, pois a compaixão (*eleos*) e o temor (*phobos*) despertariam emoções demasiado fortes que só poderiam ser purgadas por ela.

A análise feita pelo grego em seu outro livro, Retórica Livro II, dos efeitos psicológicos de ambas é, da compaixão:

(...) o que inspira piedade é ver gente honrada em situações tão críticas; é que todas estas coisas, por parecerem tão próximas, causam piedade, uma vez que o sofrimento é imerecido e surge diante dos nossos olhos. (1386b, p. 186)

e do temor:

(...) consiste numa situação aflitiva ou numa perturbação causada pela representação de um mal iminente, ruinoso ou penoso (...) só os males que podem causar mágoas profundas ou destruição; isto só no caso de eles surgirem não muito longínquos, mas próximos e prestes a acontecer. (1382a p. 174).

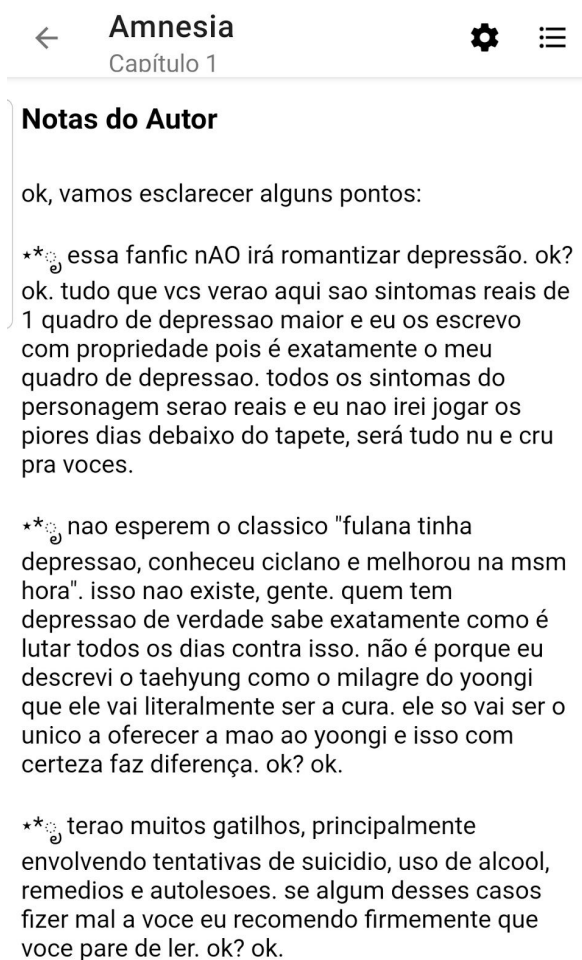
Para Aristóteles, a tragédia seria o gênero em que a catarse se manifestaria em sua plenitude. Podemos assim relacionar a popularidade das *fanfics angsts* com o conceito de catarse do filósofo.

Neste estudo de caso analisaremos duas *fanfics* do site *Spirit Fanfic e Histórias* publicadas no ano de 2017 e com postagens que vão até o ano de 2018 de dois *fandoms* de grupos masculinos de *kpop*: *Seventeen*, que debutou no ano de 2015; e *BTS*, que debutou em 2013. A análise da percepção dos leitores se detém aos comentários publicados nas histórias e só aparecerão aqueles que apresentam alguma forma de emoção em relação a essas narrativas, podendo ter alguns capítulos não trabalhados. Farei a contextualização do capítulo que os comentários aparecem se houver menção de passagem deste.

A primeira *fanfic* a ser analisada é "*Amnesia*"⁵, publicada em maio de 2017 pela *ficwriter* "*starbust*" e é sobre o grupo *BTS*, um grupo que há algum tempo vem tratando sobre transtornos psicológicos em suas músicas e vídeos. A história contém os avisos de uso de drogas, álcool, violência e suicídio e já nas notas iniciais do primeiro capítulo a autora diz não pretender romantizar os assuntos tratados por ela, além de apontar uma aproximação da história com sua própria vida.

⁵ <https://www.spiritfanfiction.com/historia/amnesia-9106906> Acesso em: 16 de novembro de 2019

Conseguimos observar no decorrer dos capítulos que a motivação principal da *ficwriter* é a de conscientização sobre transtornos psicológicos dos seus leitores e para ajudá-los também, já que em todas as notas finais ela se disponibiliza a conversar com as pessoas pelo seu perfil do *twitter*, aqui podemos observar a



← Amnesia
Capítulo 1

Notas do Autor

ok, vamos esclarecer alguns pontos:

**👉 essa fanfic nAO irá romantizar depressão. ok? ok. tudo que vcs verao aqui sao sintomas reais de 1 quadro de depressao maior e eu os escrevo com propriedade pois é exatamente o meu quadro de depressao. todos os sintomas do personagem serao reais e eu nao irei jogar os piores dias debaixo do tapete, será tudo nu e cru pra voces.

**👉 nao esperem o classico "fulana tinha depressao, conheceu ciclano e melhorou na msm hora". isso nao existe, gente. quem tem depressao de verdade sabe exatamente como é lutar todos os dias contra isso. não é porque eu descrevi o taehyung como o milagre do yoongi que ele vai literalmente ser a cura. ele so vai ser o unico a oferecer a mao ao yoongi e isso com certeza faz diferenca. ok? ok.

**👉 terao muitos gatilhos, principalmente envolvendo tentativas de suicidio, uso de alcool, remedios e autolesoes. se algum desses casos fizer mal a voce eu recomendo firmemente que voce pare de ler. ok? ok.

convergência dos meios de comunicação, um dos pilares da cultura da convergência de Jenkins apresentado no primeiro capítulo (tópico 1.4), abrindo um outro espaço para discussões sobre a história e qualquer outra coisa que seus leitores queiram debater sobre. Além disso, a autora também sempre fala para que os leitores que se identifiquem com seu personagem principal procurem por ajuda profissional ou que, pelo menos falem sobre suas questões com alguém próximo. Há uma preocupação evidente no impacto que sua história pode ter nos seus leitores. Vamos então às análises dos comentários deste primeiro capítulo, onde há uma curta cena de tentativa de suicídio por ingestão de drogas com álcool.

A tentativa de aproximação da leitora sobre a obra se dá a partir de comentários sobre a temática escolhida da narrativa, mesmo que possamos perceber que não há de fato uma identificação pessoal desta com o tema. A forma com que a leitora se expressa sobre questões psicológicas soa bastante inocente e distante. Novamente a questão da romantização de doenças psíquicas é levantado, o que nos leva a pensar que há muitas *fanfics* escritas sem um conhecimento mais profundo do transtorno.

A autora por sua vez, demonstra apreciação na compreensão que sua leitora parece ter em relação a sua escrita e problematização do tema. Retomando

Aristóteles, podemos aferir que o comentário apresenta o conceito da compaixão (*eleos*) sobre a narrativa.

A romantização nas *fanfics* de temas sérios e complicados é uma questão bastante discutida no meio. O fato dos *fandoms* de *kpop* serem compostos em grande parte por pessoas mais novas pode ser o motivo disso, pois segundo Petit (2009), o papel da literatura na descoberta de si mesmo é bastante delicado na infância, adolescência e juventude. Apesar de ser boa a desestigmatização de doenças como depressão e ansiedade, a forma que essa desestigmatização é feita muitas vezes, causa um outro problema: a banalização da seriedade desse tema.

Um bom exemplo do conceito do temor (*phobos*) de Aristóteles é esse comentário, feito no segundo capítulo da história. Aqui, a leitora expressa claramente os efeitos que esse tipo de narrativa causa em si, mas ainda assim



em 01/06/2017 16:26

★★★★★

Novamente, uma *fanfic* que eu sinto que vai acabar comigo todinha aaaa. Por ser um tema mais pesado, fiquei um pouco receosa de ler, já que não lido bem com às coisas — os 'gatilhos' — citados nas notas do primeiro capítulo. Eu sempre fico mal pra crlh lendo essas coisas e por isso, com *fics* assim, demoro uma eternidade porque fico fazendo pausas para respirar ou beber alguma coisa de tamanho nervoso (eu não sei explicar porque me sinto tão mal?? enfim, desculpe). Mas eu vou ler, mesmo assim, até porque me sentiria um ser humano horrível também por deixar de lado algo que parece ser tão tão maravilhoso.

Agora, falando dos personagens, não sei mais quem eu quero abraçar — O Yoongi ou o Taehyung. Me dói o coração ver o Yoongi se auto-depreciar tanto assim. Eu tenho certeza que ele é muito muito muito talentoso e eu imploro que um dia ele consiga ver isso e, aliás, faz parte da depressão, não é? Eu não sei muito sobre, então por isso tô com muito medo de um dia ou outro acabar falando besteira aqui nos comentários.



em 04/09/2017 07:30

★★★★★

É bem triste ler sobre o que se passa na própria mente, mas também é reconfortante saber que a dor é universal e, por mais que se sinta sozinho, muita gente está passando (infelizmente) pelo mesmo que você. Eu adorei a maneira que você abordou no primeiro capítulo e, adorei mais ainda que não haverá romantização da depressão. Claro que vou devorar a história!!!!!!



starburst

em 05/09/2017 02:49

sim, você acabou de descrever exatamente como eu me sinto quando alguém comenta comigo que se sente como o yoongi. exatamente, nao estamos sozinhos!! obrigada, de verdade, eu realmente nao gosto da romantização da depressao - e nem de nenhuma doença -. obrigada por comentar!!!!!!

[Responder comentário](#)

insiste na leitura. Por qual motivo essa leitora, que diz ter reações ruins à esse tipo de narrativa decide então se aventurar por essa *fanfic*? Seria talvez a busca pela purgação dessas sensações? A busca pela catarse? Por seu comentário podemos deduzir que a leitora não se encontra num espaço de crise, logo, a leitura para si tem uma outra função, segundo Petit. “Fora dos espaços em crise, vários homens e mulheres leem assim, dia após dia, para abrir o espaço e suportar o confinamento ao qual são submetidos (...)” (p.

41) O desvio de realidade que a literatura lhe promove não serve para ajudá-lo na elaboração de suas questões internas, mas sim para distanciar-lhe do cotidiano banal, apresentando-lhe um novo universo que modifica a sua percepção de lugares familiares. Assim, podemos associar a insistência nessa leitura na procura pelo conhecimento e entendimento desse outro lugar ao qual ela não pertence.

Em geral, elas são associadas à descoberta de um universo radicalmente distinto, remoto, lendário ou exótico (...) Esse lugar remoto das leituras vem às vezes modificar a percepção dos lugares familiares, expande-os(...) (p.42)

Há um distanciamento dessa leitora também quanto a temática da história, ela própria diz não saber muito sobre a doença e se mostra auto-consciente disso, declarando um receio de falar alguma coisa errada sobre.

Neste capítulo descobrimos que o personagem principal *Yoongi* faz faculdade de fotografia, mas por conta de sua questão psicológica, no caso depressão psicótica, não se acha uma pessoa talentosa. Aqui aparece a compaixão da leitora, afirmando para si mesma e para a autora que sabe que o personagem é talentoso e que espera que um dia ele consiga se enxergar assim, o leitor demonstra uma imersão absoluta na obra.

Além dos comentários feitos por pessoas que não se identificam pessoalmente com o tema da *fanfic*, há também os leitores que se interessam pela leitura exatamente pelo fato de se identificarem nas características e problemas dos personagens.

A leitora aborda, mais uma vez, a questão da romantização desse tipo de temática e, por ter uma identificação pessoal



em 07/06/2017 23:17

Ok, eu vou começar sendo bem sincera: eu quase passei reto. Quase.

Nada pessoal, nada disso. Pelo contrário. É difícil encontrar TaeGi por estas bandas (pelo o que eu pude perceber, somos poucas que levantamos a bandeira na multidão do SS), então dá pra dizer que foi quase um click-bait. O problema e a solução foi quando eu li a sinopse - muito bem escrita, aliás - e me dei conta do que se tratava. Qual o rumo que isso ia tomar.

De novo, nada pessoal. Eu só não costumo confiar em nada que eu saiba de antemão que envolve esse tipo de tema. Porque, bom. As palavras mega dramáticas e cenas surreais, a ideia de que @ A ou B é um santo milagreiro que simplesmente CURA tudo, e mais uma lista de hipérboles absurdas. Eu fico profundamente ressentida com esse tipo de coisa, sabe? Em ver um dos meus maiores sofrimentos ser distorcido e convertido em algo romantizado, algo que as pessoas são capazes de achar bonito.

Então eu não confio.

com essa, é possível perceber no relato da leitora uma certa revolta com esse tipo de banalização. Por já ter sido mencionado anteriormente, é interessante trazer o que é e qual a forma de romantização mais comum nesse tipo de *fanfic*.

Quando as pessoas escrevem histórias onde simplesmente por conhecer uma pessoa nova e se apaixonar por esta a personagem milagrosamente se cura, sem que precise passar por nenhum processo de tratamento, a visão que um leitor sem criticidade cria sobre essas doenças é de que elas são de fácil solução. A estigmatização torna-se um “mundo das fadas”. Essas pessoas vêem as doenças psíquicas como um traço de personalidade e não como um problema que atrapalha



em 03/08/2017 23:32

Eu não quero que você me ache presunçosa nem nada do tipo, mas eu realmente gosto muito da sua fanfic por que eu vejo muito do que eu passo aqui, eu tenho depressão faz alguns anos, eu nunca cheguei tão fundo por ter descoberto a tempo e ter acompanhamento médico agora, mas a parte de se sentir inútil, indigno e essa bolha de negatividade, isso tudo é uma realidade muito dolorosa, você simplesmente perde a habilidade de ver suas qualidades, as coisas boas que você fazia antes (e ainda faz) se tornam medíocres e sem valor aos seus olhos, você mesmo se torna sem valor e começa a viver no modo automático, é doloroso e eu acho que você conseguiu passar isso bem no Yoongi, a parte do Taehyung também, é difícil para alguém que tem depressão acreditar quando outra pessoa elogia ou diz que somos importantes, principalmente por não nós sentirmos dignos de importância, na nossa cabeça (na minha pelo menos) funciona tipo assim "não vale a pena se importar comigo, eu não tenho nada de especial, sou um atraso na vida das pessoas, uma pedra amarrada no tornozelo de alguém que esta submerso, eu só puxo as pessoas para baixo, então é melhor não me aproximar delas", eu nunca cheguei a ter alucinações, mas algo dentro de mim sempre me impede de ver as coisas pelo lado positivo, eu não sei se é isso que você ta fazendo com seu personagem, mas se for saiba que eu me identifiquei jkkk. Sobre a demissão do Yoongi, acho que pra quem vê de fora acha dramático "que absurdo, um chefe nunca demitiria alguém por conta de depressão, isso é negligência!" então gente, acontece bem mais do que se imagina, as pessoas que tem preconceito com quem tem problemas psicológicos são muitas, existem vários tipos de situações que eu posso citar em que eu escutei "depressão é só mais uma besteira que você inventou pra chamar atenção" e muitas delas foram em casa, até mesmo por que mesmo com a psicóloga falando minha mãe e meu irmão não acreditam que eu tenho depressão, pra eles é mentira minha jkkkk, enfim, só queria dizer pra não acharem essa situação impossível por que ta bem longe de ser impossível.

a vida de milhares de pessoas que sofrem desses transtornos. Isso é a chamada "romantização", onde pessoas pegam situações desagradáveis do dia-a-dia e as transformam em questões idealizadas. Na literatura clássica isso não é um problema, mas na cultura dos fãs há cada vez mais uma preocupação com essa idealização por conta da grande quantidade de crianças e adolescentes que se encontram no meio.

Alguns capítulos mais pra frente encontramos um tipo de comentário muito comum também nesse tipo de *fanfic*, os comentários de desabafo. Retomando o conceito do capital social já analisado nesta investigação, podemos encaixar esse tipo de comentário na categoria de *confiança no ambiente social*. A leitora se sente tão acolhida por aquele ambiente e se identifica tanto com aquela narrativa, que confortavelmente compartilha informações pessoais de si mesma. Nesse caso, ela

mostra sua imersão na narrativa através da compaixão e da autoidentificação com o personagem.



em 04/09/2017 07:38

★★★★★

esse capítulo mexeu com meu psicológico, de uma forma que você nem imagina (ou imagina sei lá).

bem eu não sei se posso, mas eu vou fazer um pequeno desabafo aqui, ok? desculpe estar ocupando um comentário para isso. ou ter destruído alguma expectativa sua sobre o comentário ou sei lá...

você já sentiu medo de desabafar?

poisé, eu sinto medo de desabafar.

eu sinto medo da pessoa estar passando por um momento difícil na vida dela, e eu acabar piorando. é meio difícil explicar, mas, seja pela internet ou pessoalmente, a única coisa que eu penso quando eu desabafo, é que eu to enchendo a pessoa de preocupação que não tem nada haver com ela, e fico me sentindo mal. logo a única solução para esse problema é guardar tudo para mim, mesmo que eu saiba que não é uma boa idéia.

como se já não bastasse, eu tenho uma dificuldade de comunicação pelo mesmo motivo. quando eu falo, eu falo beeeem baixinho e rapido. quando eu digito eu apago, reescrevo, e no final eu apago aquele "oi", pois eu acho que as pessoas não gostam de mim e eu vo estragar a conversa delas. (alias eu ja escrevi e reescrevi isso algumas vezes tipo muitas vezes)

as vezes eu me sinto sozinha sabe? tipo, minhas "amigas" fazem piada com depressão, e se eu desabafar com elas, eu vou virar motivic de piada entre elas.

minha família, acha isso drama, tanto que quando a baleia azul tava com um reconhecimento enorme em diversos lugares, eles eram aqueles que botavam a foto de uma mulher acima do peso beijando alguém, ou um chinelo azul com a legenda "desafio da baleia azul". além das piadinhas de "desafio da baleia azul, me traga mil cervejas" ou qualquer coisa assim. minha mae ja achou um desenho que eu fiz de uma pessoa prestes a se matar, e agora fica dizendo que eu vou me matar.

além disso, minha mãe desmarcou meu psicologo para uma viagem na quarta, e levando em conta que eu só vou de 15 em 15 dias, isso fode um pouco comigo talvez muito.

eu não me sinto animada para nada mais, as pessoas me dizem pra eu me concentrar no volei, me ocupar etc, mas eu não gosto de vôlei, e nada me agrada mais, muitas músicas que eu gostava muito perderam a energia, tudo parece igual, eu quero amigos novos, conversas novas, eu quero sair da minha zona de conforto e conhecer outras coisas e pessoas. mas isso vem sendo quase impossível pela minha "dificuldade"

A história traz um exemplo da estigmatização de transtornos psicológicos numa passagem em que a leitora menciona que o chefe do personagem o demite de seu emprego ao descobrir que o mesmo tem depressão após uma nova tentativa de suicídio em que o protagonista se joga do terceiro andar do prédio que mora, mas tem sua queda amortecida pelo jardim da residência. Ele vai parar no hospital pois um vizinho chama uma ambulância para resgatá-lo. Ao mencionar suas próprias vivências com esse tipo de preconceito, a leitora aproxima novamente sua realidade com a ficção da *fanfic*.

Alguns capítulos anteriores, esse leitor já apresenta sua vontade de desabafar, mas muda de ideia e decide só comentar sobre a história. Ao ganhar mais confiança no ambiente da narrativa ou talvez por estar precisando desse momento, o leitor expõe suas frustrações pessoais que a leitura do capítulo lhe fez refletir sobre. A confiança no ambiente social que esse tipo de comentário mostra é muito grande. Talvez por estar protegido pelo anonimato do *site*, ou por estar precisando de uma mensagem de compaixão e, por sentir que a *ficwriter* conseguirá suprir essa necessidade, o leitor mostra sua vulnerabilidade e procura pelo

auxílio de uma palavra amiga. Retomando ao que Petit propõe, a leitura parece ter-lhe dado repertório para finalmente externalizar questões guardadas dentro de si.

Esse desabafo é a manifestação do temor do leitor em relação à narrativa, em busca da catarse dessa emoção, ele sente que precisa purgá-la através do desabafo, para tirar de dentro de si aquele sentimento e assim purificar novamente suas emoções.

Ao ler uma narrativa com a qual se identifica mas não sabe como lidar, é esperado que haja uma imersão maior naquelas palavras. As histórias são muitas vezes um alívio da situação, mostram que você não é o único e não está sozinho. Como essa narrativa, *Amnesia*, mostra a melhora saudável e natural do personagem com o passar dos capítulos, algumas pessoas passam a inspirar-se nisso e procuram ajuda para si mesmas, como podemos ver nesses dois comentários feitos em capítulos mais avançados da *fanfic*, onde o protagonista começa a mostrar melhora no seu quadro psicológico.

Esse tipo de experiência é proporcionada pela noção de pertencimento que o conceito de *fandom* dá. As pessoas se sentem próximas de pessoas que nem ao menos conhecem simplesmente por uma troca de impressões e/ou informações acerca de um tema em comum: o seu produto da indústria cultural. As leitoras confiam tanto nas palavras que a *ficwriter* oferece, que tomam seus conselhos e de fato procuram por ajuda profissional.



em 28/12/2017 12:51

Eu juro que te amo. É SÉRIO! Acho incrível o fato de você falar nas notas finais o que muita gente não tem coragem de falar pessoalmente
♡

Essa fanfic me ajudou muito. Eu comecei a ficar deprimida e achava que mais nada valia a pena, que as pessoas estavam comigo por obrigação e que eu merecia toda aquela tortura mental, mas os seus recados nas notas finais me fizeram pensar, e eu decidi começar a ir em um psicólogo :) provavelmente eu só vou começar em 2018 e tenho que conversar com os meus pais, mas já é um passo, certo?

Você é forte e eu tenho orgulho de onde você chegou. Não sei toda a sua história, mas eu fico muuuito feliz mesmo em ver você ajudar outras pessoas de uma forma indireta, como você me ajudou ♡



em 02/03/2018 23:39

sério, que bom que eu comecei a ler essa fanfic... já faz um tempo que eu estou tentando parar com meus medos, pensamentos ruins, falta de controle com o que penso (realmente parece que são vozes), as vezes é difícil, parece que quanto mais o tempo passa mais complicada as coisas se tornam, mas tenho recebido algumas ajudas e a sua está sendo essencial! obrigada de coração ♡



starburst

em 03/03/2018 02:45

obrigada a voce por se permitir ser ajudada e me dar a honra de ser uma das suas ajudas. espero mesmo que voce absorva as coisas importantes que amnesia tem pra te dar, principalmente com a frase "nunca desista, voce é o suficiente". porque realmente é difícil e as vezes beira o impossivel, mas voce tem força o suficiente pra lutar contra e se precisar, eu posso doar algumas minhas. obrigada mesmo, por nao ter desistido ♡





em 16/10/2017 18:16

eu não vou mentir, eu chorei muito com esse capítulo
 mas não foi nem por imaginar meu pequeno e precioso lee chan nessa situação, claro que não
 foi por saber como a humanidade é cruel, e saber que coisas desse tipo- estupros, suicídio, depressão- existem aos montes por aí
 se minha psicóloga soubesse que eu li isso ela me mata, mas eu adoro
 já panfletei tanto essa fic que olha kkkkkkk eu to rindo mas a 30 seg atrás tava chorando eu não sei bem o que dizer, mas eu AMO essa história, ao mesmo tempo que eu odeio bizarro né? eu não sei porque, mas essa história me prende e me envolve e eu acho que não quero parar de ler, apesar de saber que pro meu estado psicologico ela é terrível mas é bom né? ler sobre isso, que ainda existem pessoas que agem como seres humanos
 eu queria que um ser humano de verdade aparecesse na minha vida
 porque eu prefiro estar sozinha do que conviver com esses robôs que a gente chama de humanidade
 é tudo tão frio e cruel hoje em dia...



leitora mostra sua preocupação com a importância que esse tema tem e como ainda é tão comum e de difícil solução na vida real.

Vê-se claramente a manifestação da compaixão de Aristóteles no comentário. Podemos retomar aqui, mais uma vez, a sensação de pertencimento que o *fandom* proporciona. A leitora não se identifica pessoalmente com a história, mas demonstra emoções fortes sobre a temática da mesma, levando-a a chorar ao ler os capítulos.

Há um certo desabafo em suas palavras, não de questões pessoais suas, mas de como

ela acredita que o tema deveria ser mais abordado, mais discutido e a violência deveria ser mais denunciada.

Mais pra frente na história há um outro leitor que tem uma identificação pessoal com o quadro psicológico do protagonista, que tenta um suicídio no pátio de sua escola e por isso é mandado a um instituto para tratar sua doença. Esse leitor diz que essa temática lhe faz mal e que sua psicóloga o proibiria de ler a história, mas ainda assim ele continua lendo. O motivo pelo qual essa pessoa segue consumindo esse tipo de conteúdo é explicado ao final do comentário. Novamente aparece essa vontade de saber que não se está sozinho nesse tipo de situação e que existem pessoas que se importam com as outras e se propõem a ajudar essas. Mesmo



em 22/10/2017 03:21

será que seokmin também foi abusado/ abandonado e como ""mecanismo de defesa"" ele faz a mesma coisa com os outros? assim, não que justifique, mas pessoas traumatizadas meio que repetem isso com outras pessoas não? acho que não fez sentido isso mas okey
 essa história é muito boa cara, porque tipo fala sobre depressão e não trata como "eu era infeliz conheci um cara legal e melhorei" não, conheceu o cara legal e ainda tá tratando, ainda não tá curado
 e pelo visto vai falar de relacionamento abusivo também, que é muito ruim estar envolvido em um
 o único que eu estive foi com uma amiga/crush e durou um ano (no começo de 2016) e até hoje eu vou no psicólogo tratar os "problemas" que ela me causou
 ela me fez pensar que eu era horrível, gorda, chata, e que eu devia beijar os pés dela por ela me suportar
 e eu fiquei um ano presa nisso, e foi HORRÍVEL até hoje eu não gosto de mim mesma, me acho desproporcional e eu já perdi a conta de quantas refeições eu já não pulei pra emagrecer
 não adiantou nada, só me fez ficar doente pelo menos nunca cheguei ao ponto de desmaiar, perder cabelo ou não conseguir ficar em pé
 por favor, eu não sei se o final é feliz ou triste, mas me faz acreditar que as coisas melhoram por favor
 mesmo que o dino morra, ou seja lá o que vai acontecer, me faz crer que tudo fica bem uma hora



que sejam situações fictícias, o vínculo emocional é feito não só com o personagem mas também com a autora. Nessa situação, as “pessoas que ainda agem como seres humanos” se reflete na *ficwriter* que dedicou seu tempo e saúde mental para abordar aquele tema na intenção de conscientização e conforto.



em 03/01/2018 13:58

★★★★★

Eu tenho uma dúvida...

Tenho uma amiga, que tem muitos amigos, muitos que eu apresentei para ela. Porém, ela não gosta que eu tenha outros amigos além dela, ela pede para eu apresentar eles para ela é no final eles passam mais tempo com ela do que comigo. Ela sempre diz que eu sou dela e que nós vamos viver uma amizade para sempre e juntas.

Ela mostra que não está brincando.

Isso seria um pouco abusivo? Estou com essas dúvidas desde ontem que comecei a ler sua fanfic (estou amando aaaaa)

Alguns capítulos depois o leitor retorna com a mesma crítica feita pelos leitores da outra *fanfic* e por ambas as *ficwriters*: a romantização do quadro depressivo, a visão de que o transtorno se cura milagrosamente com a simples chegada de uma pessoa nova na vida do protagonista.

Nesse comentário, o leitor já se mostra mais confortável com a autora, e então desabafa sobre sua vida pessoal, o motivo pelo qual faz terapia e porque se identifica tanto com a história. A confiança no ambiente social é novamente manifestada e mostra que muitas pessoas buscam por esse gênero de narrativa na intenção de purgar seus próprios problemas, tentando encontrar alguma forma de apoio, mesmo que seja em um personagem ficcional e em uma pessoa que ele não conhece, o que ele precisa é do recanto da realidade que a leitura lhe dá.

A leitura desse tipo de narrativa, quando feita de forma cuidadosa, pode ajudar o leitor a refletir sobre sua própria vida e reavaliar algumas situações por outra perspectiva. Quando se está dentro de um relacionamento abusivo, por exemplo, algumas pessoas não conseguem perceber isso, mas ao ler uma história onde coisas parecidas com as suas situações cotidianas acontecem ao protagonista e essas situações são problematizadas pelo escritor, isso pode ser o pontapé inicial para a resolução de suas próprias questões.

Esse comentário, que foi o primeiro feito pela leitora, não se preocupa em comentar sobre o conteúdo do capítulo, mas sim sobre o efeito que este lhe causou.

A leitora passou a se questionar, por ver situações que ela passava em sua vida, se estaria ela também em um relacionamento abusivo. A identificação com o personagem e sua história a deslocam de seu lugar de vítima e a fazem perceber este lugar. É novamente a leitura como meio de adquirir conhecimento desse lugar que, a princípio, não se pertence. A resposta que a *ficwriter* dá à pergunta do comentário é de que sim, a leitora está vivendo um relacionamento abusivo. A leitora volta a comentar nos capítulos mais avançados da história, mas não toca mais no assunto de sua situação.

Como Petit traz em seu livro, a leitura também serve para a delimitação de si, ela “convoca uma atividade de simbolização, de pensamento, de narração de sua própria história entre as linhas lidas.” (p. 42) O leitor encontra-se assim entre dois espaços: o de pertencimento que aquela narrativa lhe provoca, fazendo-o se ligar não só aos personagens, mas ao autor e aos outros leitores daquela história, e ao de separação do ambiente que o cerca, dando-lhe independência intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, podemos tecer alguns comentários em relação aos conceitos e dados apresentados. A começar pela dinâmica da indústria do *k-pop*, que cria uma dependência dos artistas com os fãs e vice-versa. A indústria entende que a base mais importante para o sucesso de um grupo é uma *fanbase*, ou seja, uma base de fãs dedicados exclusivamente à um artista, e que é preciso agradar esta para garantir a longevidade do grupo. Ao mesmo tempo em que os fãs, para demonstrarem sua dedicação e amor ao grupo, consomem qualquer coisa lançada por estes, mesmo que não gostem do resultado. Não que não haja críticas, mas o importante é demonstrar para os artistas a apreciação ao seu trabalho.

A cultura participativa é extremamente presente no *k-pop*, as empresas trabalham em função de chamar a atenção dos consumidores para os seus produtos, muitas vezes estreitando ao máximo as relações, como o exemplo do grupo *Wanna One*, que debutou em 2017 a partir do programa de *reality show Produce 101 season 2*, em que todos dos integrantes do grupo foram escolhidos por voto popular e mais tarde tiveram sua música de *debut* também decidida por enquete.

Outro ponto importante que devemos ressaltar é a noção que perpassa todo o estudo de caso deste trabalho, que é o pertencimento e confiança no espaço social. A cultura de fã, de onde origina o conceito do *fandom* é toda pautada na interação de pessoas desconhecidas ligadas por algum produto da indústria cultural. Sendo assim, é possível perceber que há um certo nível de companheirismo entre os colegas de *fandom*. Mesmo que não haja uma relação mais profunda entre dois indivíduos, eles estão ligados por um objetivo maior: a exaltação e o consumo de algum produto cultural.

Esse companheirismo, como podemos perceber nas análises dos comentários das *fanfics*, transforma-se em uma confiança e identificação de anônimos com outros desconhecidos pela ideia de pertencimento que o *fandom* traz

às pessoas. Todo *fandom* tem suas filosofias e convicções, e ao encontrar outras pessoas que compartilham destas, a aproximação é feita quase como numa necessidade de conexão. Por isso conseguimos ver tantos comentários pessoais sendo feitos em plataformas abertas para que qualquer um leia, pois há uma segurança imaginária de que apenas pessoas que dividem as mesmas concepções por pertencerem ao mesmo grupo de fãs às verões.

A ligação do fã com o *fandom* ao qual pertence pode ser crucial para que esse fã siga a sua dedicação ao seu produto cultural. No *k-pop* por exemplo é comum o discurso de ter parado de acompanhar um grupo por não se sentir acolhido nas concepções gerais do *fandom* ou por não concordar com a forma com que esse *fandom* se comporta em relação a outros *fandoms* e grupos do gênero. Vê-se a importância das interações sociais que acontecem entre os fãs.

Ao entender essas relações que parecem impessoais, mas revelam-se bastante afetivas, conseguimos entender a popularidade das histórias de temática *angst*, que tratam de assuntos que muitas vezes essas pessoas não têm com quem conversar na sua vida fora das redes. O conforto de saber que terão compreensão daquelas pessoas, pois compartilham algumas concepções gerais do *fandom*, ajuda-as a enfrentar seus problemas pessoais, a elaborar seus pensamentos e sentimentos e assim conseguir expressar-se no dia-a-dia com pessoas que não compartilham das filosofias do seu *fandom*.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. Trad. de Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. 5ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

ADORNO, T.W., HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ____, ____. *Dialética do esclarecimento*. 2ª ed. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

AMARAL, Adriana. Subculturas e cibercultura(s): para uma genealogia das identidades de um campo. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 37, 38-44, dezembro de 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/29060672/Subculturas_e_cibercultura_s_para_uma_genealogia_das_identidades_de_um_campo. Acesso em: 22 jun. 2019.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ARISTÓTELES. *Retórica Livro II*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa. Edições 70, 1995.

CASTELLS, Manuel. A cultura da internet. In: ____. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JENKINS, Henry. Introdução: “Venere no altar da convergência”. In: _____. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

LUIZ, Lúcio. A expansão da cultura participatória no ciberespaço: fanzines, *fan fictions*, *fan filmes* e a cultura de fã na internet. Disponível em: https://www.academia.edu/3258029/A_expans%C3%A3o_da_cultura_participat%C3%B3ria_no_ciberespa%C3%A7o_fanzines_fan_fictions_fan_films_e_a_cultura_de_f%C3%A3_na_internet. Acesso em: 17 ago. 2019.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PALOMINO, Paula Toledo. A cultura fandom e os *fanfictions*. Métricas para analisar a recepção dos fãs aos jogos eletrônicos: o caso *Mass Effect 3*. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0548-1.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2019.

PETIT, Michele. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. 1ª ed. São Paulo. Editora 34, 2009.

PETIT, Michele. A leitura reparadora. In: _____. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

RECUERO, Raquel. Capital social. In: _____. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. *Revista Aleas: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, nº 1, vol. 10, jan/jun de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2008000100006&script=sci_arttext#rnot. Acesso em: 28 nov. 2019